



O Porto Seco do DF

JOAQUIM RORIZ

Governar o Distrito Federal é tarefa que transcende as fronteiras geográficas da cidade. E impõe ao administrador responsabilidade singulares e intransferíveis: de um lado, atender às demandas da população que o elegeu — e, com toda razão, o fiscaliza — e, de outro, zelar pela integridade e bom funcionamento da capital do Brasil.

Como primeiro governador eleito do DF — e fiel aos compromissos de JK —, determinei a mim cumprir rigorosamente essa missão, com toda sua complexa carga de desafios. Daí por que me preocupo sistematicamente com o Entorno do DF e a ele destino investimentos; daí também por que luto freqüentemente por investimentos em Tocantins, na Bahia, em Minas Gerais, no Espírito Santo ou no Mato Grosso.

É nesse contexto que situo o empenho do GDF em viabilizar o corredor de exportação de Centro-Oeste e o Porto Seco do Distrito Federal. Estou absolutamente convencido de que o futuro do Brasil passa pela Região Centro-Oeste, que antevejo como o núcleo da retomada do desenvolvimento nacional.

Há razões objetivas embasando essa crença. Vejamos algumas. O Centro-Oeste é um imenso vazio ainda inexplorado, claramente vocacionado para a agricultura, a pecuária e a agroindústria. Aos poucos desafios que lhe foram dados nesses setores — como no caso da soja — respondeu-os para além das expectativas. E ainda: a região é quase toda plana, sem acidentes geográficos ou climáticos, com água em abundância, sol o ano todo, condições mais que suficientes para uma resposta rápida ao País, a partir de investimentos relativamente baratos, ao contrário do que acontece nas demais regiões brasileiras.

De quebra, é possível, aqui, planejar um desenvolvimento equilibrado, com total respeito à natureza, radicalmente não-predatório, que sirva de modelo ao País e à humanidade, preservando-se o cerrado, ecossistema riquíssimo e praticamente desconhecido.

Potencialmente, pois, a região é incomparável. Cabe, então, a pergunta: o que falta para viabilizá-la? Pouca coisa. Transporte, por exemplo. O Centro-Oeste está longe das matérias-primas e dos mercados consumidores. Há duas modalidades principais de transporte que suprem essa deficiência de modo racional e econômico: prioritariamente o ferroviário e, como seu alimentador, o viário.

Mas não basta. Para que o potencial da região não seja subaproveitado, é necessária a implantação do Corredor de Exportação e do Porto Seco. Queremos alfandegar os produtos exportados ou importados pela região aqui mesmo, em Brasília. Numa área já definida, no Setor de Indústrias e Abastecimento, queremos, efetivamente, exportar nossos produtos de Brasília diretamente para o Japão, através do Porto de Tubarão, no Espírito Santo. Estamos estudando há meses as questões alfandegárias, mas, apesar da boa vontade dos técnicos do Ministério da Economia, o cipóal da legislação do setor cria obstáculos intransponíveis. É preciso, pois, simplificá-la e desregulamentá-la.

Para que isso ocorra, propus a realização em Brasília, em data a ser fixada ainda este mês, de reunião pública envolvendo os setores interessados: prefeituras, sindicatos rurais, associações comerciais, governadores e cooperativas de toda a região assistida pela ferrovia. Creio que, desse debate, surgirá a luz — e, a partir dela, Brasília e o Centro-Oeste poderão iniciar uma virada de página na história econômica do Brasil.

Joaquim Roriz diz que vai resgatar uma das propostas de Juscelino

O Porto Seco é um corredor ferroviário que ligará o DF ao Porto de Tubarão (ES)

O projeto prevê a criação de um interposto alfandegário

O Porto Seco vai detonar o desenvolvimento regional

O número de indústrias subiu de 535 em 1989 para 3.346, este ano

Para cada indústria cadastrada, outras cinco atuam na informalidade

O setor de gemologia integra o programa de industrialização

Os "biscateiros" são responsáveis por 330 mil ocupações no DF

De 1960 até hoje a Junta Comercial já registrou 120 mil estabelecimentos